

Mais de 7 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY
A GAROTA
ITALIANA



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Nota da autora

A história de Rosanna e Roberto foi escrita há 17 anos. Em 1996, ela foi publicada com o título *Ária* sob meu antigo “pseudônimo”, Lucinda Edmonds. No ano passado, alguns de meus editores perguntaram sobre meus primeiros livros. Eu lhes disse que todos estavam fora de catálogo, mas mesmo assim eles quiseram ver alguns. Lá fui eu então até o sótão da minha casa desencavar os oito romances escritos anos antes. Apesar de estarem cobertos de teias de aranha e com cheiro de mofo, eu os enviei aos editores, explicando que era muito jovem na época e entendia perfeitamente se preferissem jogar tudo no lixo. Para minha surpresa, a reação foi bastante positiva, e eles me perguntaram se eu gostaria de relançar os livros.

Isso significava que eu tinha de começar a relê-los e, como qualquer autor que revisita trabalhos do passado, foi com grande apreensão que abri a primeira página de *Ária*. Tive uma estranha experiência de leitura: como não me lembrava muito bem da história, fui fisgada como qualquer leitor e comecei a virar as páginas cada vez mais depressa para descobrir o que aconteceria depois. Senti que o livro precisava de um pouco de atualização e reedição, mas a história e os personagens estavam lá. Assim, pus mãos à obra por algumas semanas, e o resultado final é *A garota italiana*. Espero que vocês gostem.

Lucinda Riley, janeiro de 2014

Para meu filho Kit

*“Lembre-se desta noite,
pois ela é o início do sempre.”*

Dante Alighieri

Ópera Metropolitana, Nova York

Meu querido Nico,

É estranho sentar para contar uma história tão complexa sabendo que você talvez nunca a leia. Não tenho certeza se escrever sobre os acontecimentos dos últimos anos vai ser uma catarse para mim ou algo que farei por sua causa, meu amor, mas sinto-me compelida a fazê-lo.

Portanto, aqui estou, sentada no camarim, pensando em por onde seria melhor começar. Muito do que tenho a escrever se deu antes de você nascer, uma cadeia de acontecimentos que se iniciou quando eu era ainda mais nova do que você é agora. Então talvez seja por aí que eu deva começar. Por Nápoles, minha cidade natal...

Lembro-me da minha mamma pendurando a roupa para secar em um varal estendido da nossa janela até o outro lado da rua. Para quem percorresse as vielas estreitas do bairro da Piedigrotta, as roupas coloridas penduradas nos varais davam a impressão de que os moradores viviam em festa. E havia o barulho... o onipresente barulho desses primeiros anos, que nunca cessava, nem mesmo à noite. Gente cantando e rindo, bebês chorando... Como você sabe, os italianos são um povo que fala alto, dado a fortes emoções, e as famílias da Piedigrotta dividiam suas alegrias e mazelas de todo dia sentadas na frente das casas, enquanto o sol inclemente as deixava cada vez mais morenas. O calor era insuportável, principalmente no auge do verão, quando a calçada queimava as solas dos pés e os mosquitos aproveitavam a pele exposta para atacar. Até hoje consigo sentir a profusão de cheiros que entravam pela janela do meu quarto: o de esgoto, às vezes forte a ponto de embrulhar o estômago, mas com mais frequência o delicioso aroma da pizza recém-saída do forno na cozinha de papà.

Não tínhamos dinheiro quando eu era pequena, mas, na época em que fiz a primeira comunhão, papà e mamma já haviam conseguido transformar o Café do Marco, sua pequena cantina, em um sucesso. Os dois trabalhavam dia e noite servindo fatias de pizza apimentadas preparadas segundo a receita secreta de papà, que ao longo dos anos havia ganhado fama na Piedigrotta. Durante o verão, o movimento aumentava com a chegada dos

turistas, e o pequeno salão ficava tão abarrotado de mesas de madeira que era quase impossível andar entre elas.

Nós morávamos em um pequeno apartamento em cima da cantina. Tínhamos um banheiro só nosso; havia comida na mesa e sapatos para calçar. Papà se orgulhava de ter saído da pobreza e conseguido proporcionar essas coisas à família. Eu também era feliz, e meus sonhos não iam além do pôr do sol seguinte.

Então, em uma noite quente de agosto, quando eu tinha 11 anos, aconteceu algo que mudou minha vida. Parece impossível acreditar que uma pré-adolescente seja capaz de se apaixonar, mas eu me lembro como se fosse hoje do dia em que o vi pela primeira vez...

Nápoles, Itália, agosto de 1966

Rosanna Antonia Menici se apoiou na pia e ficou na ponta dos pés para se olhar no espelho. Teve de se inclinar um pouquinho para a esquerda, pois uma rachadura distorcia os traços de seu rosto. Assim, só conseguia ver metade do olho e da bochecha direitos, e nada do queixo; mesmo na ponta dos pés, ainda não tinha altura suficiente para enxergá-lo.

– Rosanna! Saia já desse banheiro!

A menina suspirou, largou a pia, atravessou o chão de linóleo preto e destrancou a porta. A maçaneta girou na mesma hora, a porta se abriu e Carlotta passou por ela com truculência.

– Que história é essa de trancar a porta, sua criança boba? O que você tem para esconder?

Ela abriu as torneiras da banheira e, em seguida, com gestos experientes, prendeu no alto da cabeça os longos cabelos escuros e cacheados.

Rosanna deu de ombros, encabulada, e desejou que Deus a tivesse feito tão bonita quanto a irmã mais velha. *Mamma* tinha lhe dito que Deus dava um presente a cada um, e o de Carlotta era a beleza. Observou com humildade a moça despír o roupão e revelar o corpo perfeito de pele branca e lisinha, os seios fartos e as pernas compridas. Todos que entravam na cantina elogiavam a linda filha de *mamma* e *papà* e comentavam como ela um dia daria um bom partido para um homem rico.

O vapor começou a tomar conta do pequeno banheiro. Carlotta fechou as torneiras e entrou no banho.

Rosanna se sentou na borda da banheira.

– Giulio vai vir hoje à noite? – perguntou à irmã.

– Vai, sim.

– Você acha que vai se casar com ele?

Carlotta começou a se ensaboar.

– Não, Rosanna. Não vou me casar com ele.

– Mas achei que você gostasse dele.

– Eu gosto dele, mas não... ah, você é nova demais para entender.

– *Papà* gosta dele.

– É, eu sei que *papà* gosta dele. A família do Giulio é rica. – Carlotta arqueou uma das sobrancelhas e deu um suspiro dramático. – Mas ele me cansa. Se *papà* pudesse, me faria subir ao altar com ele amanhã mesmo, mas antes quero me divertir um pouco, aproveitar a vida.

– Mas eu pensei que casar fosse divertido – insistiu Rosanna. – Você vai poder usar um vestido de noiva bem bonito, vai ganhar vários presentes, vai ter seu próprio apartamento e...

– Um bando de crianças sempre aos berros e uma cintura bem grossa – concluiu Carlotta, alisando distraidamente com o sabonete as curvas esbeltas do corpo enquanto falava. Seus olhos escuros relancearam na direção da irmã menor. – Por que está me encarando? Saia daqui, Rosanna, me deixe em paz por dez minutos. *Mamma* está precisando da sua ajuda lá embaixo. E feche a porta ao sair!

Sem responder, Rosanna deixou o banheiro e desceu a íngreme escada de madeira. No pé da escada, abriu a porta e entrou na cantina. As paredes haviam sido caiadas recentemente, e acima do bar nos fundos do salão um retrato de Nossa Senhora dividia a parede com um pôster de Frank Sinatra. As mesas de madeira escuras brilhavam de tão enceradas e velas haviam sido postas em cima de cada uma delas, dentro de garrafas de vinho vazias.

– Ah, você está aí! Onde foi que se meteu? Chamei você várias vezes. Venha me ajudar a pendurar esta faixa.

Em pé sobre uma cadeira, Antonia Menici segurava uma das pontas do tecido de cor viva. A cadeira balançava perigosamente sob seu peso considerável.

– Sim, *mamma*.

Rosanna puxou outra cadeira de madeira de baixo de uma das mesas e a arrastou até o arco no centro da cantina.

– Ande logo, menina! Deus lhe deu pernas para correr, não para se arrastar feito uma lesma!

Rosanna segurou a outra ponta da faixa e subiu na cadeira.

– Pendure essa argola no prego – instruiu Antonia.

Rosanna obedeceu.

– Agora venha ajudar sua *mamma* a descer da cadeira para ver se ficou reto.

Rosanna desceu da cadeira e correu para ajudar Antonia a fazer o mesmo em segurança. As palmas das mãos de sua *mamma* estavam úmidas, e ela pôde ver gotas de suor na sua testa.

Antonia ergueu os olhos para a faixa, satisfeita.

– *Bene, bene* – comentou.

Rosanna leu as palavras em voz alta:

– “Feliz Trinta Anos de Casados, Maria e Massimo!”

Antonia enlaçou a filha e lhe deu um raro abraço.

– Ah, que surpresa vai ser! Eles acham que vêm aqui jantar só com seu *papà* e eu. Quero ver a cara deles quando virem todos os amigos e parentes.

Seu rosto redondo estava radiante de prazer. Ela soltou a filha, sentou-se na cadeira e enxugou a testa com um lenço. Então se inclinou para a frente e acenou para a menina vir na sua direção.

– Rosanna, vou lhe contar um segredo. Escrevi para Roberto. Ele vai vir lá de Milão para participar da festa. Vai cantar para sua *mamma* e seu *papà* aqui mesmo, no Café do Marco! Amanhã não vai se falar em outra coisa na Piedigrotta!

– Sim, *mamma*. Ele é *crooner*, não é?

– *Crooner*? Que blasfêmia! Roberto Rossini não é *crooner*, ele é aluno da *scuola di musica* do Teatro alla Scala de Milão. Um dia vai ser um grande cantor de ópera e vai se apresentar no palco do próprio Scala.

Antonia levou as mãos ao peito, e Rosanna achou que ela estava exatamente igual a quando rezava na missa na igreja.

– Agora vá ajudar *papà* e Luca na cozinha. Ainda há muito o que fazer antes da festa, e eu vou à casa da *Signora Barezi* arrumar os cabelos.

– Carlotta também vai me ajudar? – indagou Rosanna.

– Não. Ela vai à casa da *Signora Barezi* comigo. Nós duas precisamos estar o mais bonitas possível hoje.

– E eu, *mamma*, o que vou vestir?

– Você tem seu vestido rosa da igreja.

– Mas está pequeno. Vou ficar parecendo uma boba – retrucou a menina, fazendo beicinho.

– Não vai, nada! Vaidade é pecado, Rosanna. Se Deus escutar esses seus pensamentos, vai aparecer durante a noite e arrancar cada fio de cabelo seu. Você vai acordar careca, igual à *Signora Verni* quando largou o marido por um homem mais jovem! Agora, já para a cozinha.

Rosanna assentiu e se afastou em direção à cozinha imaginando por que Carlotta ainda não tinha perdido os cabelos. Quando abriu a porta, foi engolida pelo calor intenso. Marco, seu *papà*, preparava a massa de pizza sobre a comprida mesa de madeira. Era um homem magro e agitado, o oposto da mulher, e seu crânio calvo luzia enquanto ele sovava a massa. Luca, irmão mais velho de Rosanna, alto e de olhos escuros, remexia uma panela imensa e fumegante sobre o fogão. Ela passou alguns instantes observando, fascinada, seu *papà* girar a massa nos dedos acima da cabeça com gestos seguros, em seguida jogá-la sobre a mesa no formato de um círculo perfeito.

– *Mamma* mandou eu vir ajudar.

– Seque aqueles pratos no escorredor e empilhe em cima da mesa – ordenou Marco sem parar de trabalhar.

Rosanna olhou para a montanha de pratos, assentiu com resignação e pegou um pano limpo dentro de uma gaveta.



– Como estou?

Carlotta fez uma pausa dramática junto à porta e a família a encarou com admiração. Usava um vestido novo, feito de um cetim amarelo-claro macio, com um corpete decotado e uma saia bem justa nas coxas que terminava logo acima dos joelhos. Seus fartos cabelos pretos tinham sido arrumados e pendiam em cachos lustrosos até a altura dos ombros.

– *Bella, bella!*

Marco atravessou a cantina com a mão estendida para a filha mais velha. Carlotta a segurou e entrou no recinto.

– Giulio, minha filha não está linda? – perguntou.

O rapaz se levantou da mesa e abriu um sorriso tímido; seus traços de menino contrastavam com o corpo já bem musculoso.

– Está – concordou ele. – Tão bonita quanto Sofia Loren em *Arabesque*.

Carlotta andou até o namorado e deu um leve beijo na sua bochecha bronzeada.

– Obrigada, Giulio.

– E Rosanna, também não está bonita? – indagou Luca, sorrindo para a irmã.

– É claro que está – disse Antonia depressa.

Rosanna sabia que sua *mamma* estava mentindo. O mesmo vestido rosa que um dia caíra tão bem em Carlotta dava à sua pele um aspecto amarelado, e seus cabelos presos em tranças bem apertadas faziam as orelhas parecerem maiores do que nunca.

– Vamos beber alguma coisa antes de os convidados chegarem – falou Marco, brandindo uma garrafa cintilante de licor Aperol. Abriu-a com um floreio e pegou seis copinhos.

– Eu também, *papà*? – perguntou Rosanna.

– Você também. – Marco meneou a cabeça para a menina e entregou um copo para cada um. – Que Deus nos mantenha unidos, nos proteja do mau-olhado e torne o dia de hoje especial para nossos melhores amigos Maria e Massimo. – Marco ergueu o copo e o virou de uma vez só.

Rosanna tomou um golinho e quase engasgou quando o líquido ardido e com gosto amargo de laranja bateu no fundo da sua garganta.

– Tudo bem, *piccolina*? – perguntou Luca, dando-lhe um tapinha nas costas. Ela ergueu o rosto e sorriu.

– Tudo.

O irmão a segurou pela mão e se curvou para sussurrar no seu ouvido:

– Um dia você vai ser muito mais bonita do que nossa irmã.

Rosanna balançou a cabeça com veemência.

– Não vou não, Luca. Mas eu não ligo. *Mamma* falou que eu tenho outros dons.

– É claro que tem. – Ele abraçou o corpo magro da menina e a apertou contra si.

– *Mamma mia!* Os primeiros convidados chegaram. Marco, traga o Prosecco. Luca, vá olhar a comida, rápido! – bradou Antonia, alisando o vestido e caminhando em direção à porta.



Sentada em uma mesa no canto, Rosanna ficou observando a cantina se encher com os amigos e parentes dos convidados de honra. Em pé no meio de

uma rodinha de rapazes, Carlotta sorria e jogava os cabelos. Giulio espiava enciumado, sentado em uma cadeira no canto.

Então o recinto ficou em silêncio e todas as cabeças se viraram para a silhueta no vão da porta.

Ele ficou ali parado, altíssimo em comparação com Antonia, e curvou-se para beijá-la nas duas bochechas. Rosanna o encarou. Nunca havia pensado em um homem como alguém lindo, mas não conseguiu encontrar outra palavra para descrevê-lo. Era muito alto e tinha os ombros largos, com a força física patente na musculatura dos antebraços expostos pela camisa de mangas curtas. Os cabelos eram lisos e negros como as asas de um corvo e estavam penteados para trás de modo a realçar os traços finamente esculpidos do rosto. Rosanna não viu de que cor eram os olhos, mas eram grandes e brilhantes, e os lábios carnudos, porém firmes e másculos, contrastavam com a pele de uma alvura incomum para um napolitano.

Rosanna teve uma sensação estranha na barriga, as mesmas cócegas que sentia antes de um teste de ortografia na escola. Olhou para Carlotta. Sua irmã também encarava a figura na porta.

– Roberto, seja bem-vindo.

Marco fez um gesto para Carlotta acompanhá-lo e abriu caminho pelos convidados até a porta. Beijou o rapaz nas duas faces.

– Fico muito feliz que tenha nos honrado com a sua presença aqui hoje. Esta é minha filha Carlotta. Acho que ela cresceu bastante desde a última vez que você a viu.

Roberto olhou Carlotta de cima a baixo.

– É, Carlotta, você cresceu mesmo – confirmou.

Sua voz tinha um tom grave e melodioso que fez a barriga de Rosanna se agitar outra vez.

– E como vão Luca e... ahn...

– Rosanna? – completou *papà*.

– Claro, Rosanna. Ela só tinha alguns meses quando a vi pela última vez.

– Estão os dois bem e... – Marco se deteve ao olhar por cima do ombro de Roberto e ver duas pessoas subindo a rua calçada de pedra. – Shh, todo mundo! Lá vêm Maria e Massimo!

Os convivas se calaram na mesma hora e, poucos segundos depois, a porta se abriu. Maria e Massimo, em pé na entrada da cantina, encaravam surpresos aquele mar de rostos conhecidos.

– *Mamma! Papà!* – Roberto se adiantou e cumprimentou os pais. – Feliz aniversário de casamento!

– Roberto! – Os olhos de Maria ficaram marejados e ela abraçou o filho.
– Não acredito, não acredito – repetia sem parar.

– Mais Prosecco para todo mundo! – falou Marco, sorrindo de orelha a orelha com a surpresa que eles haviam conseguido organizar.

Rosanna ajudou Luca e Carlotta a distribuir o espumante até todos terem uma taça na mão.

– Silêncio, todos, por favor – pediu Marco, batendo palmas. – Roberto quer falar.

O rapaz subiu em uma cadeira e sorriu para os convidados.

– Hoje é um dia muito especial. Meus amados *mamma* e *papà* estão comemorando trinta anos de casados. Como todos sabem, eles moraram a vida inteira aqui na Piedigrotta, onde conquistaram muitos bons amigos e conseguiram sucesso com sua padaria. São conhecidos tanto pela sua gentileza quanto pelo maravilhoso pão que produzem. Qualquer um que tiver um problema sabe que atrás do balcão de Massimo sempre vai poder encontrar um ouvido compreensivo e um conselho sensato. Eles foram os pais mais amorosos que eu poderia ter desejado...

Os olhos do rapaz também estavam úmidos quando ele observou sua *mamma* enxugar mais uma lágrima.

– Fizemos muito sacrifício para que eu estudasse na melhor escola de música de Milão e me tornasse cantor lírico. Bem, meu sonho está começando a se realizar. Espero que não demore muito para eu estar cantando no próprio Scala. E tudo graças a eles. – Roberto ergueu a taça. – Um brinde! Que continuem felizes e com saúde! A *mamma* e *papà*... Maria e Massimo!

– Maria e Massimo! – entoaram os convidados.

Sob ruidosos aplausos, Roberto desceu da cadeira e se atirou nos braços da mãe.

– Venha, Rosanna. Temos de ajudar *papà* a servir a comida – disse Antonia, conduzindo a menina para fora do salão em direção à cozinha.



Mais tarde, Rosanna ficou olhando Roberto conversar com Carlotta, e então, depois de Marco pôr discos para tocar no gramofone que trouxera do

apartamento, viu como os braços do rapaz enlaçaram naturalmente a cintura fina da irmã quando a levou para dançar.

– Que belo par eles formam – sussurrou Luca, dando voz aos pensamentos de Rosanna. – Giulio não parece nada contente, não é?

Rosanna acompanhou o olhar do irmão e viu Giulio ainda sentado no canto, de cara feia, observando a namorada rir alegremente nos braços de outro.

– É, não mesmo – concordou.

– Quer dançar, *piccolina*? – sugeriu Luca.

Rosanna fez que não com a cabeça.

– Não, obrigada. Eu não sei dançar.

– É claro que sabe.

Ele a puxou da cadeira para junto dos outros convidados que também dançavam.

Quando o disco parou de tocar, Rosanna ouviu Maria pedir ao filho:

– Por favor, Roberto, cante para mim.

– É, cante para nós, cante – entoaram os convidados.

Roberto enxugou a testa e deu de ombros.

– Vou fazer o melhor que puder, mas sem acompanhamento é difícil.

Vou cantar *Nessun dorma*.

Fez-se silêncio quando ele soltou a voz.

Rosanna ficou imóvel, escutando enfeitiçada o som mágico daquela voz. Quando o tom foi se elevando e se aproximando de seu clímax, Roberto estendeu as mãos e pareceu tentar alcançá-la.

E foi nesse instante que ela entendeu que o amava.

As palmas foram estrondosas, mas Rosanna não conseguiu aplaudir. Estava ocupada demais procurando o lenço para secar as lágrimas involuntárias que haviam escorrido por seu rosto.

– Mais um! Mais um! – pediram todos.

Roberto deu de ombros e sorriu.

– Me perdoem, senhoras e senhores, mas preciso poupar a voz.

Um murmúrio de decepção percorreu a sala quando ele tornou a ocupar seu lugar junto a Carlotta.

– Então Rosanna vai cantar *Ave Maria* – falou Luca. – Venha, *piccolina*.

Rosanna balançou a cabeça com violência e permaneceu grudada onde estava, com uma expressão de horror no rosto.

– Isso! – Maria bateu palmas. – Rosanna tem uma voz linda, e eu adoraria ouvi-la cantar minha oração preferida.

– Não, por favor... – protestou a menina, mas foi erguida pelos braços de Luca e posta em cima de uma cadeira.

– Cante como sempre faz para mim – sussurrou-lhe o irmão com voz suave.

Rosanna encarou a multidão de rostos que lhe sorriam, inspirou fundo e abriu a boca. No início, sua voz saiu baixa, quase um sussurro, mas foi ganhando força à medida que ela dominava o nervosismo e se perdia na música.

Roberto, que tinha os olhos ocupados com o generoso decote de Carlotta, ergueu a cabeça, incrédulo, ao ouvir aquela voz. Não era possível que um som tão puro e perfeito estivesse saindo daquela menina magrela de vestido rosa horroroso. Ou era? Quando olhou para Rosanna, porém, não viu mais a pele amarelada nem os braços e pernas compridos que pareciam não ter fim. O que viu foram os imensos e expressivos olhos castanhos, e reparou no leve rubor que surgiu em suas bochechas quando sua esplêndida voz começou a subir num *crescendo*.

Sabia que não estava escutando uma menina em idade escolar se exhibir para os convidados de uma festa. A desenvoltura com que ela fazia soar as notas, seu controle natural e sua musicalidade evidente eram dons, não algo que se aprendesse.

– Com licença – sussurrou para Carlotta enquanto os aplausos ecoavam pelo salão. Atravessou a cantina até Rosanna, que acabara de se desvencilhar do abraço entusiasmado de Maria.

– Rosanna, venha se sentar aqui comigo. Quero falar com você.

Ele a levou até uma cadeira, sentou-se na sua frente e segurou-lhe as duas mãozinhas.

– *Bravissima*, pequena. Você cantou essa linda oração de um jeito perfeito. Está fazendo aulas?

Emocionada demais para encará-lo, Rosanna fitou o piso e negou com a cabeça.

– Pois deveria. Nunca é cedo demais para começar. Ora, se eu tivesse começado mais cedo, poderia... – Roberto deu de ombros. – Vou falar com seu *papà*. Tem um professor aqui em Nápoles que me dava aulas de canto. É um dos melhores. Você precisa procurá-lo o quanto antes.

Rosanna ergueu os olhos de repente e o encarou pela primeira vez. Viu então que os olhos dele tinham um tom de azul profundo, bem escuro, e eram muito calorosos.

– O senhor acha que tenho uma voz boa? – murmurou, incrédula.

– Acho sim, pequena, mais do que boa. E com aulas o seu dom vai poder ser incentivado e cultivado. Aí, um dia, vou dizer com orgulho que foi Roberto Rossini quem descobriu você. – Ele sorriu e então beijou a mão dela.

Rosanna pensou que fosse desmaiar de prazer.

– A voz dela é um encanto, não é, filho? – disse Maria, surgindo atrás de Rosanna e pousando a mão no ombro da menina.

– Mais do que um encanto, *mamma*, a voz dela é... – Roberto agitou as mãos de modo expressivo. – É uma dádiva de Deus, como a minha.

– Obrigada, *Signor* Rossini – foi tudo que Rosanna conseguiu dizer.

– Agora vou procurar seu *papà* – falou Roberto.

Rosanna ergueu os olhos e viu que vários convidados a olhavam com a mesma simpatia e admiração em geral reservada para Carlotta.

Um brilho se espalhou por seu corpo. Pela primeira vez em toda sua vida, alguém tinha lhe dito que ela era especial.



Às dez e meia, a festa ainda corria solta.

A mãe de Rosanna apareceu ao seu lado.

– Rosanna, está na hora de você ir para a cama. Vá dizer boa-noite a Maria e Massimo.

– Sim, *mamma*. – A menina abriu caminho com cuidado entre os dançarinos. – Boa noite, Maria. – Deu dois beijos no rosto da mulher.

– Obrigada por cantar para mim. Roberto está falando da sua voz até agora.

– Estou mesmo. – O rapaz apareceu atrás de Rosanna. – Já dei o nome e endereço do professor de canto para o seu *papà* e para Luca. Luigi Vincenzi foi instrutor no Scala e há alguns anos se aposentou e veio aqui para Nápoles. É um dos melhores professores da Itália e ainda aceita alunos talentosos. Quando você o encontrar, diga que fui eu quem a indiquei.

– Obrigada, Roberto.

O olhar dele fez Rosanna corar.

– Você tem um dom muito especial, Rosanna. Precisa cuidar bem dele. *Ciao*, pequena. – Ele levou sua mão à boca e a beijou. – Tenho certeza de que vamos nos encontrar de novo um dia.



No andar de cima, no quarto que dividia com Carlotta, Rosanna vestiu a camisola, em seguida levou a mão até debaixo do colchão e pegou seu diário. Depois de encontrar o lápis que guardava na gaveta de peças íntimas, subiu na cama e, com o cenho franzido de concentração, começou a escrever.

16 de agosto. Festa de Massimo e Maria...

Mordiscou a ponta do lápis, tentando recordar as palavras exatas que Roberto tinha lhe dito. Após anotá-las cuidadosamente, deu um sorriso de prazer e fechou o diário. Então se recostou no travesseiro e ficou ouvindo o barulho da música e das risadas lá embaixo.

Alguns minutos depois, sem conseguir dormir, sentou-se. Tornou a abrir o diário, pegou o lápis e escreveu outra frase.

Um dia eu vou me casar com Roberto Rossini.

2

Rosanna acordou sobressaltada, abriu os olhos e notou que era quase dia. Ouviu os sacolejos da carroça de lixo aproximando-se na ronda da madrugada, então se virou e viu Carlotta sentada na beira da cama. Sua irmã ainda usava o mesmo vestido amarelo, só que muito amarrotado, e seus cabelos pendiam despenteados ao redor dos ombros.

– Que horas são? – perguntou.

– Fique quieta, Rosanna! Volte a dormir. Ainda é muito cedo, e você vai acordar *mamma* e *papà*.

Carlotta rapidamente tirou os sapatos e abriu o zíper do vestido.

– Onde você estava?

A moça deu de ombros.

– Em lugar nenhum.

– Mas *em algum lugar* você devia estar, porque está indo para a cama agora e já é quase de manhã – insistiu Rosanna.

– Fique quieta, já disse!

Com uma expressão zangada e assustada, Carlotta jogou o vestido sobre uma cadeira e colocou uma camisola.

– Se disser para *mamma* e *papà* que cheguei tão tarde, nunca mais falo com você. Prometa que não vai falar nada.

– Só se você me disser onde estava.

– Está bem! – Carlotta foi até a cama da irmã na ponta dos pés e se sentou. – Eu estava com Roberto.

– Ah. – Rosanna não entendeu. – Fazendo o quê?

– Fazendo... passeando. Só passeando.

– Mas por que vocês foram passear no meio da noite?

– Quando você for mais velha, vai entender – respondeu Carlotta, abrupta. Ela voltou para a cama e se enfiou debaixo dos lençóis. – Pronto, já contei. Agora fique quieta e volte a dormir.



Todo mundo na casa dos Menicis dormiu até mais tarde. Quando Rosanna chegou ao térreo para o café da manhã, encontrou Marco à mesa da cozinha com uma ressaca terrível e Antonia dando duro para arrumar a bagunça da cantina.

– Venha ajudar, filha, ou nunca vamos conseguir abrir – ordenou Antonia ao ver a menina parada olhando para os restos da festa.

– Posso tomar café?

– Depois de arrumarmos tudo. Tome, leve esta caixa de lixo para o quintal.

– Sim, *mamma*.

Rosanna pegou o lixo e seguiu em direção à cozinha, onde seu pai, pálido, agora estendia massa de pizza.

– *Papà*, Roberto falou com o senhor sobre minhas aulas de canto? – indagou ela. – Ele disse que ia falar.

Marco assentiu, cansado.

– Falou, sim. Mas ele estava só sendo educado, Rosanna. E se ele pensa que temos dinheiro para aulas de canto com um professor do outro lado da cidade, está muito enganado.

– Mas, *papà*, ele achou... Quer dizer, ele falou que eu tinha um dom.

– Rosanna, quando crescer, você vai dar uma boa esposa para algum marido. O que você precisa é aprender os dons da culinária e dos afazeres domésticos, não desperdiçar seu tempo com fantasias.

– Mas... – O lábio inferior dela tremeu. – Eu quero ser cantora, igual a Roberto.

– Roberto é homem, Rosanna. Ele precisa trabalhar. Um dia essa sua vozinha encantadora vai ajudar a ninar bebês. Agora chega. Leve esse lixo para fora e quando voltar vá ajudar Luca com os copos.

Enquanto ela levava o lixo para o quintal nos fundos, uma pequena lágrima escorreu por seu rosto. Nada havia mudado. Tudo estava como sempre tinha sido. Era como se a véspera, o melhor dia de toda a sua vida, um dia em que ela fora alguém especial, jamais tivesse acontecido.

– Rosanna! – rugiu a voz de Marco da cozinha. – Ande logo!

Ela enxugou o nariz com as costas da mão e tornou a entrar. Seus sonhos ficaram no quintal junto com o lixo.



Mais tarde nesse dia, quando Rosanna subia lentamente a escada para ir se deitar, exausta por causa das longas horas servindo as mesas, sentiu o toque de alguém em seu ombro.

– Por que está tão tristonha hoje, *piccolina*?

Ela se virou e deu com Luca.

– Vai ver estou só cansada – respondeu, dando de ombros.

– Mas você deveria estar muito feliz. Não é toda menina que leva uma sala inteira às lágrimas quando canta.

– Mas, Luca... – Ela se sentou abruptamente no alto da escada estreita e o irmão se espremeu ao seu lado.

– Me conte o que aconteceu.

– Hoje de manhã eu perguntei a *papà* sobre as aulas de canto e ele disse que Roberto estava só sendo educado, que na verdade ele não acreditava que eu pudesse ser cantora.

– Ora! – ralhou o rapaz entre os dentes. – Não é verdade. Roberto comentou com todo mundo como a sua voz era linda. Você precisa ter aulas com o professor que ele sugeriu.

– Eu não posso, Luca. *Papà* disse que não temos dinheiro para pagar. Acho que aulas de canto devem ser muito caras.

– Ah, *piccolina*. – Luca passou o braço em volta dos ombros da irmã. – Por que será que *papà* é tão cego em relação a você? Se tivesse sido Carlotta, bem... – Ele deu um suspiro. – Escute, Rosanna, por favor não perca as esperanças. Olhe aqui. – Ele remexeu no bolso da calça e pegou um pedaço de papel. – Roberto também me deixou o nome e o endereço do professor. Pouco importa o que *papà* disse. Nós vamos procurá-lo *juntos*, está bem?

– Mas Luca, não temos dinheiro para pagar, então não adianta nada.

– Não se preocupe com isso por enquanto. Deixe que seu irmão mais velho cuide de tudo. – Ele a beijou na testa. – Durma bem.

– Boa noite.

Ao descer a escada e atravessar a cantina, Luca suspirou pensando que teria de passar mais uma longa noite na cozinha. Sabia que deveria apenas agradecer por ter uma perspectiva de melhor futuro que a de outros rapazes napolitanos, mas aquele trabalho lhe proporcionava muito pouco prazer. Ao entrar na cozinha, foi até a mesa e começou a picar uma pilha

de cebolas; o suco forte fez seus olhos arderem. Quando ele pôs a cebola picada na frigideira, pensou na recusa do pai em apoiar as aulas de canto da filha caçula. Rosanna tinha um dom, e Luca não deixaria que o desperdiçasse de jeito nenhum.



Depois desse dia, na primeira tarde em que teve folga da cantina, Luca pegou Rosanna e os dois tomaram um ônibus até o bairro chique de Posillipo, que ficava no alto de uma colina com vista para a baía de Nápoles.

– Que lindo isto aqui! Quanto espaço! Que ar mais puro! – exclamou a menina quando eles saltaram do coletivo.

Ela inspirou e expirou profundamente e bem devagar.

– Sim, é muito bonito – concordou Luca.

Os dois pararam para admirar a baía. A água azul-turquesa cintilante estava coalhada de barcos, alguns com pescadores, outros apenas ancorados junto à costa. Bem em frente, a ilha de Capri flutuava no horizonte como um sonho. Ele seguiu a curva da baía para a esquerda e viu o contorno do ameaçador monte Vesúvio na paisagem ao longe.

– É aqui mesmo que o *Signor Vincenzi* mora? – Rosanna se virou e ergueu os olhos para os elegantes casarões brancos aninhados na encosta da colina mais acima. – Nossa, ele deve ser muito rico.

Os dois começaram a subir a rua sinuosa.

– Acho que a casa dele é uma daquelas – falou Luca depois de passarem por vários portões imponentes. Por fim, deteve-se diante da última casa. – Chegamos... Villa Torini. Venha, Rosanna.

Ele segurou a mão da irmã e a conduziu pelo acesso de carros até um pórtico coberto por um bougainville que protegia a porta da frente. Após hesitar por alguns segundos, nervoso, enfim tocou a campainha.

A porta foi aberta depois de algum tempo e uma empregada de meia-idade os espiou lá de dentro.

– *Sì? Cosa vuoi?* O que vocês querem?

– Viemos falar com o *Signor Vincenzi*, *signora*. Esta é Rosanna Menici e eu sou Luca, irmão dela.

– Vocês marcaram hora?

– Não... mas Roberto Rossini...

– Bem, o *Signor Vincenzi* não recebe ninguém sem hora marcada. Adeus. A porta se fechou com firmeza na cara deles.

– Venha, Luca, vamos para casa. – Aflita, Rosanna puxou o braço do irmão. – Aqui não é nosso lugar.

De dentro da *villa*, o som de um piano chegou flutuando pelo ar.

– Não! A gente veio até aqui e não vai voltar sem o *Signor Vincenzi* ter ouvido você cantar. Venha comigo.

Luca puxou a irmã para longe da porta.

– Aonde a gente está indo? Eu quero voltar para casa – pediu ela.

– Não. Por favor, confie em mim.

Ele a segurou pelo braço com firmeza e foi seguindo a música, que os conduziu pela lateral da casa. Chegaram à quina de uma bela varanda decorada com grandes vasos de cerâmica cheios de gerânios rosa-chá e marias-sem-vergonha roxo-escuras.

– Fique aqui – sussurrou Luca.

Agachado, ele engatinhou pela varanda até chegar em frente a duas portas de vidro, que estavam abertas para deixar entrar a brisa da tarde. Espiou lá dentro com cuidado, em seguida tornou a se encolher e recuou.

– Ele está lá dentro – sussurrou ao voltar para junto de Rosanna. – Agora cante. Cante!

Ela o encarou, sem entender.

– Como assim?

– Cante *Ave Maria*... depressa!

– Mas...

– Agora! – ordenou ele.

Rosanna nunca tinha ouvido seu tranquilo irmão falar com tanta veemência. Por isso, abriu a boca ali mesmo e fez o que ele pedia.



Luigi Vincenzi acabara de pegar o cachimbo e estava prestes a dar seu passeio vespertino pelos jardins quando ouviu a voz. Fechou os olhos e passou alguns segundos escutando. Então, bem devagar, sem conseguir conter a curiosidade, atravessou a sala e saiu para a varanda. Na quina da casa estava postada uma menina que não podia ter mais de 10 ou 11 anos, usando um vestido de algodão desbotado.

Assim que o viu, a menina parou de cantar e o medo cruzou seu semblante. Um rapaz, sem dúvida parente da menina, a julgar pela semelhança entre os dois, estava em pé ao seu lado.

Luigi Vincenzi uniu as mãos e bateu palmas devagar.

– Obrigado, *cara*, por essa encantadora serenata. Mas posso saber por que vocês dois estão invadindo a minha varanda?

Rosanna se escondeu atrás do irmão.

– Perdoe, *signor*, mas a sua empregada não quis nos deixar entrar – explicou Luca. – Tentei dizer a ela que Roberto Rossini tinha pedido à minha irmã para vir, mas ela fechou a porta na nossa cara.

– Entendo. Posso saber como vocês se chamam?

– Esta é Rosanna Menici e eu sou Luca, irmão dela.

– Bem, é melhor vocês entrarem.

– Obrigado, *signor*.

Luca e Rosanna o seguiram. O espaçoso recinto era dominado por um piano de cauda branco posicionado bem no centro de um reluzente piso de mármore cinza. As paredes eram cobertas por estantes abarrotadas com pilhas de partituras mal-arrumadas. Sobre o console da lareira havia diversos porta-retratos com fotos em preto e branco de Luigi em traje de gala, sorrindo junto de pessoas cujos rostos pareciam conhecidos de jornais e revistas.

Luigi Vincenzi se sentou na banquetta do piano.

– Então, Rosanna Menici, por que Roberto Rossini mandou você me procurar?

– Porque... porque...

– Porque ele achou que minha irmã deveria ter aulas de canto de verdade com o senhor – respondeu Luca por ela.

– Que outras canções a *Signorina* Menici conhece? – quis saber Luigi.

– Ahn... não muitas. Quase todas hinos que canto na igreja – respondeu ela, gaguejando.

– Que tal tentarmos a “Ave Maria” outra vez? Você parece conhecê-la muito bem. – Luigi sorriu e sentou-se ao piano. – Chegue mais perto, filha. Eu não morde, sabia?

Rosanna se aproximou e viu que, embora o bigode e os cabelos grisalhos encaracolados lhe dessem um aspecto muito severo, sob as grossas sobran-celhas os olhos do *Signor* Vincenzi tinham um brilho caloroso.

– Pois bem, pode cantar – insistiu Luigi e começou a tocar os primeiros acordes do hino.

O som era tão diferente de qualquer outro piano que ela já tinha escutado que Rosanna esqueceu de entrar na hora certa.

– Algum problema, Rosanna Menici?

– Não, *signor*. Estava só escutando o som lindo que o seu piano faz.

– Entendo. Bem, desta vez concentre-se, por favor.

Inspirada pelo piano de cauda, Rosanna cantou como jamais tinha feito. Em pé, bem próximo dela, Luca pensou que seu coração fosse explodir de tanto orgulho. Sabia que tinha feito a coisa certa ao levar a irmã até o professor.

– Muito bem, *Signorina* Menici, muito bem. Agora vamos tentar umas escalas. Siga-me quando eu tocar.

Luigi conduziu Rosanna pelos agudos e graves, testando o alcance de sua voz. Em geral não era muito afeito a exageros, mas teve de admitir que a menina tinha o maior potencial que ele já vira em todos os seus anos como instrutor. A voz dela era impressionante.

– Chega! Já ouvi o suficiente.

– Vai dar aulas a ela, *Signor* Vincenzi? – indagou Luca. – Tenho dinheiro para pagar.

– Sim, vou dar aulas a ela.

Luigi se virou para Rosanna.

– *Signorina* Menici, virá aqui às terças, quinzenalmente, às quatro da tarde. Cobrarei 400 liras por uma hora.

Era metade do que ele costumava cobrar, mas o irmão não sabia e parecia orgulhoso da pequena.

O rosto de Rosanna se acendeu.

– Obrigada, *Signor* Vincenzi, obrigada.

– E, nos dias em que não vier, você vai praticar por duas horas, no mínimo. Vai se esforçar muito e só faltará às aulas se houver uma morte na família. Entendeu?

– Sim, *Signor* Vincenzi.

– Ótimo. Então nos vemos na terça, está bem? Agora podem sair pela porta da frente.

Luigi conduziu Rosanna e Luca pela casa até a porta da rua.

– *Ciao*, Rosanna Menici.

Os dois irmãos se despediram e desceram o acesso à casa como num transe, até chegarem ao portão. Luca então ergueu Rosanna nos braços e a girou com alegria.

– Eu sabia! Sabia! Ele só precisava ouvir a sua voz. Que orgulho eu tenho de você, *piccolina*! Sabe que isso tem de ser o nosso segredo, não sabe? *Mamma* e *papà* talvez não aprovem. Você não pode contar nem para Carlotta.

– Não vou contar, prometo. Mas, Luca, você tem dinheiro para as aulas?

– Tenho, claro. – Ele pensou no dinheiro que vinha economizando havia dois anos para comprar uma lambreta, que seria o seu primeiro passo em direção à sua tão ansiada liberdade. – É claro que tenho.

Eles viram o ônibus chegando, e Rosanna deu no irmão um abraço instintivo.

– Obrigada, Luca. Prometo me esforçar o máximo que puder. E um dia vou recompensar você por essa gentileza.

– Eu sei que vai, *piccolina*. Eu sei que vai.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br